

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

**GEISEANE DA SILVA LIMA
LIDIELMA FLORINDO DE SOUSA
LUANE MORAES DE SOUZA**

**PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PRODUTORES QUE COMERCIALIZAM NA FEIRA
AGRÍCOLA DE MAZAGÃO, AMAPÁ**

Mazagão – AP

2021

**GEISEANE DA SILVA LIMA
LIDIELMA FLORINDO DE SOUSA
LUANE MORAES DE SOUZA**

**PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PRODUTORES QUE COMERCIALIZAM NA FEIRA
AGRÍCOLA DE MAZAGÃO, AMAPÁ**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias e Biologia, da Universidade Federal do Amapá, *Campus* Mazagão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado.

Orientador:
Prof. Dr. Galdino Xavier de Paula Filho

**Mazagão – AP
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Campus de Mazagão da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Raildo de Sousa Machado, CRB2/1501

-
- L732p Lima, Geiseane da Silva
Perfil socioeconômico dos produtores que comercializam na feira agrícola de Mazagão, Amapá / Geiseane da Silva Lima, Lidielma Florindo de Souza, Luane Moraes de Souza. – 2021.
1 recurso eletrônico. 50 folhas : ilustradas (coloridas).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias e Biologia) – Campus de Mazagão, Universidade Federal do Amapá, Mazagão, 2021.
Orientador: Professor Doutor Galdino Xavier de Paula Filho.
- Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).
- Inclui referências, anexos e apêndices.
1. Agricultura familiar. 2. Agroextrativismo. 3. Produtividade agrícola – Aspectos econômicos. 4. Produtividade agrícola – Aspectos sociais. 5. Feiras livres. 5. Mazagão – Amapá – Brasil. I. Souza, Lidielma Florindo de. II. Souza, Luane Moraes de. III. Paula Filho, Galdino Xavier de, orientador. IV. Título.

Classificação Decimal de Dewey, 22. edição, 630

**GEISEANE DA SILVA LIMA
LIDIELMA FLORINDO DE SOUSA
LUANE MORAES DE SOUZA**

**PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PRODUTORES QUE COMERCIALIZAM NA FEIRA
AGRÍCOLA DE MAZAGÃO, AMAPÁ**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias e Biologia, da Universidade Federal do Amapá, *Campus* Mazagão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado.

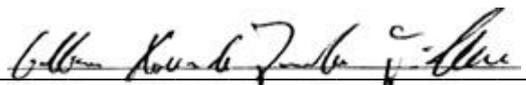
Aprovada em 15 de junho de 2021.



Prof. Dr. Flávio da Silva Costa
Examinador
Universidade Federal do Amapá



Eng. Agr. Msc. Olivan do Nascimento
Saraiva
Examinador
Agência de Defesa e Inspeção
Agropecuária do Estado do Amapá



Prof. Dr. Galdino Xavier de Paula Filho
Orientador
Universidade Federal do Amapá

Mazagão – AP

2021

Aos nossos pais por terem sido nossos exemplos de perseverança, para não desistir em meio às dificuldades da caminhada, e por estarem sempre nos auxiliando em tudo o que sempre precisamos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida, que é o responsável por todo o nosso sucesso, pois Ele é digno de toda honra e toda glória.

A todos os nossos familiares que torceram pela conclusão deste curso.

Ao orientador, professor Galdino Xavier, pela confiança, compreensão e pelos ensinamentos repassados com muita dedicação, e pelo incentivo nessa jornada, no qual sempre nos passou segurança e confiança.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias e Biologia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), *Campus* Mazagão, por sempre terem repassado o conhecimento com o compromisso educacional e com vistas a formação dos futuros profissionais.

À UNIFAP por manter o compromisso de ofertar ensino superior gratuito às populações do extremo norte do país, e principalmente, por estabelecer o programa de interiorização, e através levar para os municípios, entre os quais, o Mazagão, cursos que atendam as necessidades da população local e atendam as necessidades do mercado de trabalho local.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a conclusão desse trabalho e de outras expectativas.

“Já aprendi viver como vive nu
Um cacique arara cultivando aurora
Luz de sua tiara.
Eu amo você terra minha amada
Minha oca meu iglu, minha casa
Eu amo você pérola azulada conta
No colar de deus, pendurada
A benção minha mãe”.

Zé Miguel

RESUMO

A produção agrícola familiar é uma atividade comercial e demonstra resultados positivos na geração de renda, empregos e mudanças nas condições sociais e econômicas dos agricultores familiares. Um campo de atuação do agricultor familiar são as feiras livres devido a possibilidade de comercialização da produção agrícola dos agricultores locais e regionais. O objetivo deste trabalho foi investigar o perfil socioeconômico dos produtores que comercializam na Feira Municipal de Mazagão. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UNIFAP, obteve a anuência da Secretaria Municipal de Agricultura (SEMAGRI), e os entrevistados aceitaram participar do estudo mediante a assinatura do Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevista foi conduzida de acordo com o questionário semiestruturado e as informações obtidas foram organizadas por categorias: faixa etária, gênero, escolaridade, produtos comercializados, tipo de produção, local da barraca na feira, transporte e crédito rural. Predominou aqueles que têm faixa etária entre 21 a 30 anos (55%). Dentre os entrevistados, 65% são do gênero feminino, e os principais produtos comercializados são farinha de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), tucupi, goma de tapioca, bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), salsa (*Petroselinum crispum* (Mill.) Nym.), salsa (*Petroselinum crispum* (Mill.) Nym.) com cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.) e limão (*Citrus limon* (L.)), entre outros, compondo a produção própria. Entre os entrevistados, 80% utilizam o transporte público (garantido pela SEMAGRI) para realizar o transporte da produção agrícola até a feira. Concluiu-se que o perfil socioeconômico evidenciou prevalência de feirantes jovens que, independente do sexo, possuem suas funções tanto nas barracas da feira como na produção agrícola. O escoamento da produção e a adequação aos requisitos técnicos para obtenção de crédito rural evidenciam-se como principais desafios dos agricultores.

Palavras chave: Agricultura familiar. Agroextrativismo. Desenvolvimento local. Feira livre.

ABSTRACT

Family agricultural production is a commercial activity and demonstrates positive results in the generation of income, jobs and changes in the social and economic conditions of family farmers. A field of activity for the family farmer is open markets due to the possibility of marketing agricultural production from local and regional farmers. The objective of this work was to investigate the socioeconomic profile of producers who trade in the Municipal Fair of Mazagão. The study was submitted and approved by the Ethics Committee for Research with Human Beings (CEPSH) of UNIFAP, obtained the consent of the Municipal Department of Agriculture (SEMAGRI), and respondents agreed to participate in the study by signing the Free and Informed Consent Form Clarified (TCLE). The interview was conducted according to a semi-structured questionnaire and the information obtained was organized by categories: age group, gender, education level, products sold, type of production, location of the stall at the fair, transport and rural credit. Those aged between 21 and 30 years old predominated (55%). Among those interviewed, 65% are female, and the main products sold are cassava flour (*Manihot esculenta* Crantz), tucupi, tapioca gum, bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), parsley (*Petroselinum crispum* (Mill.) Nym.), parsley (*Petroselinum crispum* (Mill.) Nym.) with chives (*Allium schoenoprasum* L.) and lemon (*Citrus limon* (L.)), among others, making up its own production. Among those interviewed, 80% use public transport (guaranteed by SEMAGRI) to transport agricultural production to the fair. It was concluded that the socioeconomic profile evidenced the prevalence of young stallholders who, regardless of gender, have their functions both in the stalls of the fair and in agricultural production. The flow of production and adaptation to the technical requirements for obtaining rural credit are evident as the main challenges for farmers.

Keywords: Family farming. Agroextractivism. Local development. Free fair.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01	Localização da Feira de Mazagão.....	Página 21
-----------	--------------------------------------	---------------------

LISTA DE TABELA

Tabela 01:	Produtos vendidos nas barracas dos feirantes que comercializam na Feira Urbana de Mazagão, Amapá, 2020.....	Página 29
------------	---	---------------------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01:	Demonstrativo da faixa etária dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.....	Páginas 25
Gráfico 02:	Demonstrativo do gênero dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.....	26
Gráfico 03:	Demonstrativo do grau de escolaridade dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.....	28
Gráfico 04:	Origem da produção comercializada na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.....	30
Gráfico 05:	Demonstrativo da localização das barracas dos feirantes na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.....	31
Gráfico 06:	Demonstrativo do uso de transportes para escoamento da produção dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.....	33
Gráfico 07:	Demonstrativo do acesso ao crédito rural por agricultores feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Amazonas
AP	Amapá
BA	Bahia
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
COVID	Coronavírus
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FNO	Fundo Constitucional de Financiamento do Norte
FRAP	Fundo de Desenvolvimento Rural do Amapá
IBGE	Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico
MG	Minas Gerais
PA	Pará
PPI	Programa de Produção Integrada
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
RO	Rondônia
RS	Rio Grande do Sul
SDR	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Rural
SEMA	Secretaria de Estado do Meio Ambiente
SEMAGRI	Secretária Municipal de Agricultura
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Tocantins
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

	Páginas
1	INTRODUÇÃO..... 12
2	OBJETIVOS..... 14
2.1	GERAL..... 14
2.2	ESPECÍFICOS..... 14
3	REVISÃO DE LITERATURA..... 15
3.1	IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DAS FEIRAS URBANAS..... 15
3.2	FEIRA E AGRICULTURA FAMILIAR: BRASIL E AMAZÔNIA. 16
3.3	FEIRAS NO ESTADO DO AMAPÁ..... 18
3.4	A FEIRA AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO 19
4	METODOLOGIA..... 21
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO..... 21
4.2	PROCEDIMENTOS LEGAIS 22
4.3	TIPO DE ESTUDO..... 22
4.4	LEVANTAMENTO DE DADOS SECUNDÁRIOS DOS INFORMANTES..... 23
4.5	AMOSTRAGEM 23
4.6	COLETA DE DADOS..... 24
4.7	TABULAÇÃO DOS DADOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO 24
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 25
5.1	CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS FEIRANTES..... 25
5.2	PRODUTOS COMERCIALIZADOS NA FEIRA 28
6	CONCLUSÕES 37
	REFERÊNCIAS 38
	APÊNDICES
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
	ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO
	ANEXOS
	TERMO DE ANUÊNCIA
	PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEPESH/UNIFAP

1 INTRODUÇÃO

A comercialização de produtos agrícolas é uma tarefa comercial varejista que tem contribuído para o fortalecimento da economia de várias localidades (ARAUJO; RIBEIRO, 2018). Um caso pontual, são as feiras livres, campo de atuação do agricultor familiar que realiza vendas diretas para consumidores e também para representantes comerciais de pequenos, médios e grandes empreendimentos (WATANABE et al., 2018).

As feiras são práticas comerciais que geram renda através da comercialização varejista da produção agrícola local e regional, podem ser espaços para a atuação dos feirantes agricultores familiares, extrativistas e os hortifrutigranjeiros (AMARAL, 2016; WATANABE et al., 2018).

As feiras de produção familiar no Brasil são aquelas em que os agricultores familiares comercializam sua produção agrícola (ESPÍRITO SANTO et al., 2017). Dessa forma, são feiras marcadas pela identidade local, associando o comércio agrícola dos produtos dessas comunidades (LIMA; SAMPAIO, 2009). Os feirantes não se beneficiam das normas que os grandes mercados aplicam na economia, pelo contrário, são grupos que ocupam espaços bastante reservados para as trocas periódicas de seus produtos, pautados pela particularidade, solidariedade, informalidade que resultam da sedimentação histórica dessas relações locais (RIBEIRO et al., 2019).

Na região amazônica o contexto das feiras de produção familiar revela a organização e o trabalho dos agricultores abrangendo o modelo de desenvolvimento sustentável, a dinâmica da propriedade e a produção de alimentos (SILVA et al., 2015). Nesta região destaca-se o manejo ambiental, o emprego de mão de obra familiar e de vizinhos, o reduzido ou nenhum uso de insumos químicos, e baixa tecnologia (SOARES et al., 2018).

A comercialização dos agricultores familiares do estado do Amapá possui um perfil diversificado, no geral, os que atuam nas feiras livres são aqueles que comercializam polpas de frutas, hortaliças e derivados de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.) (SANTOS et al., 2018a). A preocupação com a qualidade tem evidenciado um perfil de agricultores que adotam baseado em conhecimentos tradicionais, meios para garantir a segurança e a qualidade da produção final (SOUZA et al., 2020).

No Estado do Amapá as feiras representam além de base da cadeia produtiva, geração de renda e emprego para muitos amapaenses (SANTOS et al., 2018a). As feiras nas cidades amapaenses são consideradas símbolos de desenvolvimento econômico através da comercialização de diversos produtos tradicionais (MOTA et al., 2020). Deve-se considerar que pelo caráter rudimentar do sistema de produção, que ocorre através de colheita manual e beneficiamento nas propriedades, as feiras enfrentam o problema de comercializar produtos frescos com comprometida qualidade final devido a distância para o deslocamento (SANTOS et al., 2018b).

Sobre a produção no município de Mazagão, a cadeia produtiva se vale do uso de mão de obra familiar e de baixo uso de recursos tecnológicos, sem conseguir elevar sua capacidade produtiva, e assim, a produção é comercializada nas feiras locais e ao longo das principais rodovias do município (BATISTA, 2018). O potencial produtivo das famílias de agricultores representa, além de lucratividade, a diversidade de frutas, leguminosas e verduras para usos medicinais, alimentícios, condimentares, ornamentais e madeireiros (SILVA, 2018).

Observa-se que existe a necessidade de estudos que abordem e investiguem o perfil socioeconômico de agricultores, para preencher uma lacuna de informações sobre este que é um dos principais segmentos da economia do município de Mazagão.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Investigar o perfil socioeconômico dos produtores agrícolas que comercializam na Feira Municipal de Mazagão, Amapá.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar faixa etária, gênero e grau de escolaridade dos feirantes;
- Elencar os principais produtos comercializados e suas procedências;
- Analisar as condições de infraestrutura para a comercialização dos produtos;
- Verificar a presença ou ausência de programas e políticas de incentivo a comercialização de produtos.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DAS FEIRAS URBANAS

Um conceito trabalhado na revisão feita por Ferreira et al. (2015), aborda as feiras como sendo um modelo de comércio varejista com certas peculiaridades, sendo a principal delas, a sua ocorrência ao ar livre, não sendo de forma diária e nem estabelecida no mesmo lugar; a dinâmica é distinta, pois sua ocorrência pode ser uma ou duas vezes por semana em determinado local; e, realiza o comércio de vários produtos alimentícios e outras especificidades.

O contexto histórico das feiras evidencia que sua concepção estrutural, ocorrida ao ar livre em barracas, tem suas origens em Portugal e Espanha, quando promoviam encontros aos finais de semana para a venda de produtos dos artesãos locais e das famílias de agricultores (QUEIROZ, 2011). O comércio consistia na venda das especiarias africanas, bem como verduras e frutas colhidas na semana, e com o propósito de abastecer as cidades (DOLZANI, 2008).

Além disso, pode-se acrescentar que a comercialização nas feiras acontece através da cessão, por parte da SEMAGRI que repassa o direito de uso à família do feirante, a mesma faz a manutenção do espaço, e se não cumprir normas, regularidade da venda, dentre outras, a SEMAGRI retira o direito de uso daquela família e repassa para outra (SATO, 2007).

Ainda sobre a organização das feiras, estas ocorrem de formas esporádicas, e por essas características, são montadas áreas específicas (ruas ou a céu aberto, interiores de prédios ou galpões cobertos), podendo ser pequenas ou grandes, onde os feirantes organizam a exposição dos seus produtos em barracas ou ao chão, geralmente no intervalo de uma semana, e que podem ter uma área de influência local ou regional (QUEIROZ, 2011).

Os estudos de Araujo e Ribeiro (2018) ao analisarem o desenvolvimento econômico e urbano no Jequitinhonha (MG) confirmaram que as feiras urbanas compõem o histórico regional e tornaram possível o desenvolvimento econômico da região analisada por esse estudo. As oportunidades de comercialização desenvolvidas nas feiras podem ser compreendidas como oportunidades rentáveis em região com baixa produção de outros segmentos.

A feira urbana, a partir do caso do Jequitinhonha (MG) pode ser usada como um parâmetro para avaliar e comparar o quadro contemporâneo dos feirantes que participam das políticas públicas inerentes à agricultura familiar nacional, por ter sido referida como espaço em que famílias de agricultores podem se juntar e comercializar sua produção agrícola e, fazer parte da cultura econômica local e regional, através do abastecimento das cidades com alimentos *in natura* e outros produtos, contribuindo com a circulação de dinheiro e também com o desenvolvimento econômico das cidades (ARAUJO; RIBEIRO, 2018).

Segundo Coutinho et al. (2006), as feiras urbanas são consideradas uma importante estrutura de suprimento de alimentos das cidades, especialmente as interioranas, pois promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia dessas pequenas cidades. Oferecem produtos sempre frescos e permitem uma relação restrita entre consumidores e produtores e o poder de barganha exercido por eles.

Estas feiras possibilitam o acesso dos agricultores ao mercado, gerando renda familiar, de forma a ser considerada uma importante política distributiva, possibilitando que a renda da população permaneça no município contribuindo para seu desenvolvimento (SILVESTRE et al., 2006). Além disso, o desenvolvimento de feiras livres tem o potencial para agregar valor às vendas dos produtores e gerar benefícios sociais e ambientais para a comunidade (HUNT, 2007).

3.2 FEIRAS DE PRODUÇÃO FAMILIAR NO BRASIL E NA AMAZÔNIA

Considerando a modalidade de feira com agricultores familiares, salienta-se que no Brasil representa encontro de feirantes-vendedores e compradores de produtos agrícolas. Os consumidores possuem um perfil diversificado (urbano e rural) e frequentam a feira pelo hábito de adquirir produtos agrícolas com os agricultores familiares, ou são famílias que atuam na produção agrícola e no trabalho da feira (BRASIL, 2006; COUTINHO et al., 2006; ALMEIDA, 2009; KINJO; IKEDA, 2018).

A produção dos agricultores familiares caracteriza-se pelos processos de plantio, colheita e beneficiamento para comercialização em feiras urbanas e comércio varejista (UENO et al., 2016; SOUSA et al., 2017; LIMA et al., 2019). Essas feiras de produção familiar representam desenvolvimento econômico e social e

também projeção de culturas na cadeia produtiva em pequenos municípios (KUKIEL et al., 2020).

Na região amazônica evidenciam-se muitas feiras em várias capitais e comunidades rurais (MESQUITA; MENDES, 2012). Na região norte do Brasil os agricultores familiares são grupos presentes na organização das feiras livres, comercializando os produtos beneficiados nos estabelecimentos agrícolas. As formas de trabalho foram se transformando e se aperfeiçoando por meio das relações sociais, políticas e econômicas nos últimos anos (OLIVEIRA, 2009).

Com o crescimento do mercado relacionado à produção agrícola e com as crescentes discussões sobre o tema, a sociedade ficou mais consciente sobre o consumo de produtos *in natura*, e passou a elevar os índices de consumo destes produtos, resultando em maior procura pelos mesmos (SEIBEL, 2020).

No caso da feira de Manaus (AM), organizou-se estratégias para adotar ideais de sustentabilidade em sua organização e priorizar o consumo sustentável. Essa nova concepção foi inserida no contexto manauara em 2017, e em 2018 atingiu o montante comercializado de R\$ 4 bilhões somente em feiras livres, seguindo uma tendência crescente de 20% a 25% ao ano (MAPA, 2019). Em 2020, em razão da pandemia do coronavírus (COVID-19), esses números pouco evoluíram, as receitas despencaram em virtude dos *lockdowns*, e ficaram em torno dos R\$ 3,8 bilhões (ALMEIDA; SANTOS, 2021).

No estado do Acre, a produção dos agricultores familiares se organiza artesanalmente em pequenas unidades fabris (DE JESUS et al., 2018) com produtos comercializados nas feiras livres e dessa forma, contribuem para o desenvolvimento econômico do estado (MARTINS et al., 2020).

Os estudos apresentados por Aleixo et al. (2020) que abordaram a sustentabilidade nas feiras livres de Cacoal (RO) constataram que representam uma maneira legalizada de proporcionar empregos e renda para o município e estado. Esses autores enfatizaram que a comercialização nesses espaços possui peculiaridades e confirmam aumento de demanda e de procura dos produtos *in natura* pela população. Dessa forma, os feirantes vão conquistando a fidelização de uma determinada clientela.

Na revisão feita por Sousa; Beraldo (2020) no estado do Tocantins, a feira livre foi definida como tradicional mercado que ocupa espaços públicos em diversos municípios tocantinenses. Este é um ambiente propício para as trocas comerciais

dos agricultores familiares e que também permite sua inclusão em demais mercados alternativos. Em período de pandemia de COVID-19, os agricultores feirantes de Palmas (TO) estão em processo de organização para se inserirem devidamente no sistema delivery de produtos artesanais e alimentícios oriundos da agricultura familiar.

O perfil dos produtores familiares elencado por Santos et al. (2018b) na Feira de Transição Agroecológica em Araguatins (TO), foi comprovado que 80% dos produtos comercializados na feira tem origem em áreas rurais, oriundo de produção agrícola familiar e orgânica, comprovando a força dessa modalidade de produção no município referido pelos autores.

3.3 FEIRAS NO ESTADO DO AMAPÁ

A trajetória histórica do Amapá é marcada por símbolos, representações, personagens e marcos geradores de festas, e como todo evento requer alimentos, a tendência é não procurar os alimentos industrializados, mas garantir uma alimentação regional, com uso de produtos naturais e que são facilmente encontrados nas diversas feiras localizadas no estado (PEDRADA, 2018).

No Amapá, ao analisar os dados do censo agropecuário do IBGE (2017a), a área total dos estabelecimentos agropecuários compreende 1.506.294 hectares onde estão inslados 8.507 estabelecimentos. Em Mazagão, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Anual realizado pelo IBGE (2021b), a área total dos estabelecimentos compreendem 88.157 hectares, onde estão agrupados 1.169 estabelecimentos agropecuários.

Portanto, a produção agrícola familiar no Amapá visa o comércio para atender a demanda que valoriza a qualidade e mostra-se em reta ascendente ano a ano (SILVA; LOMBA, 2011). As feiras compõem uma parte da economia, pelo volume de vendas e pela representação da cadeia produtiva composta por agricultores locais (PEDRADA, 2018).

As feiras livres de Macapá mostram uma interação de logística similar às de algumas cidades da região Norte. Através da produção manual e tradicional nos assentamentos rurais, inicia-se o transporte da produção do campo para a cidade, e por meio da comercialização direta aos consumidores locais através das feiras livres ou em empreendimentos varejistas (AMARAL, 2016).

Os estudos de Silva (2018) e de Segovia (2011) demonstram a importância das feiras no Estado do Amapá, pois apresentam algumas características do perfil da produção e dos produtores agrícolas. Silva (2018) ressaltou que a produção agrícola se baseia na modalidade de quintal agroflorestal, considerando a área de entorno da casa/residência, com produção para subsistência familiar e a geração de renda, além de garantir a sustentabilidade local.

Enquanto que, nos estudos de Segovia (2011) identificou-se que a partir da década de 1980, com o adensamento demográfico, o governo do Estado do Amapá passou a desenvolver políticas públicas de beneficiamento da produção local, entre as quais, o PPI, o Fundo de Desenvolvimento do Amapá, as Feiras do Produtor em Macapá e em Santana, e programas para transportar a produção e realizar a venda direta ao consumidor, e assim, fomentar com famílias assentadas o ideal de agricultura familiar, o que contribuiu para novas feiras em pontos estratégicos nos bairros de Macapá (Buritizal, Jardim Felicidade e Pacoval), em Santana, e nas cidades dos interiores, uma vez por semana, adotando-se um novo modelo de negócio e abastecimento.

As principais feiras do Estado, atualmente, são as seguintes:

- a) Feira do Buritizal, Feira do Jardim Felicidade e Feira do Pacoval, Localizadas na cidade de Macapá;
- b) Feira de Santana, localizada no município de Santana;
- c) Feira do Amapá, localizada no município do Amapá;
- d) Feira de Ferreira Gomes, localizada no município de Ferreira Gomes;
- e) Feira Agrícola do Mazagão, localizada no município de Mazagão;
- f) Feira de Vitória do Jari, localizada no município de Vitória do Jari;
- g) Feira de Laranjal do Jari, localizada do município de Laranjal do Jari.

3.4 A FEIRA AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO

A feira livre que acontece no município de Mazagão resulta do trabalho das comunidades tradicionais que, historicamente, se organizam às quintas-feiras e aos sábados para comercializar produtos agrícolas (BATISTA, 2018).

A organização da feira urbana de Mazagão é similar a descrita nos estudos de Pereira et al. (2017), que descreveu a feira de agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG) que acontece no mercado municipal, regularmente às sextas

feiras e sábados pela manhã, e em sua realidade, o espaço do mercado é insuficiente para todos os feirantes e clientes, de tal forma que em determinados momentos, o espaço interno do prédio impossibilita a circulação e a solução é realizar o comércio dos produtos do lado de fora, no entorno do mercado.

Em relação a localidade de origem dos agricultores, na abordagem feita por Pedrada (2018) ao esboçar a viabilidade econômica de concessão do selo orgânico na comercialização de hortaliças do agricultor familiar do Amapá, ao descrever a Feira Agrícola de Mazagão (AP), considerou que a feira ocorre diariamente (de segunda feira a domingo) com a participação dos feirantes e dos atravessadores. Nesses dias, os feirantes realizam acessos aos serviços que só podem ser encontrados no centro urbano (hospital, farmácia, prefeitura e sindicato dos trabalhadores rurais).

Convém salientar, entretanto, que a participação dos feirantes dos assentamentos só acontece às quintas-feiras e aos sábados, dias em que a SEMAGRI realiza a busca dos feirantes nos assentamentos e os traz com suas produções no caminhão até a feira. Antes do amanhecer, entre 3:00hs e 4:00hs da madrugada inicia o deslocamento dos feirantes até o local da feira, através da busca de cada feirante em seu assentamento rural. O roteiro do caminhão se inicia no assentamento Rio Preto, seguindo pelos assentamentos: Anauerapucu, Mazagão, Mazagão Velho, Pioneiro, Piquiazal, Camaipi, Maracá e a comunidade do Carvão (OLIVEIRA JUNIOR et al., 2014).

A SEMAGRI garante espaço para a comercialização dos produtos e uma estrutura física aos feirantes que atuam na dependência interna do prédio do mercado municipal e entorno (OLIVEIRA JUNIOR et al., 2014).

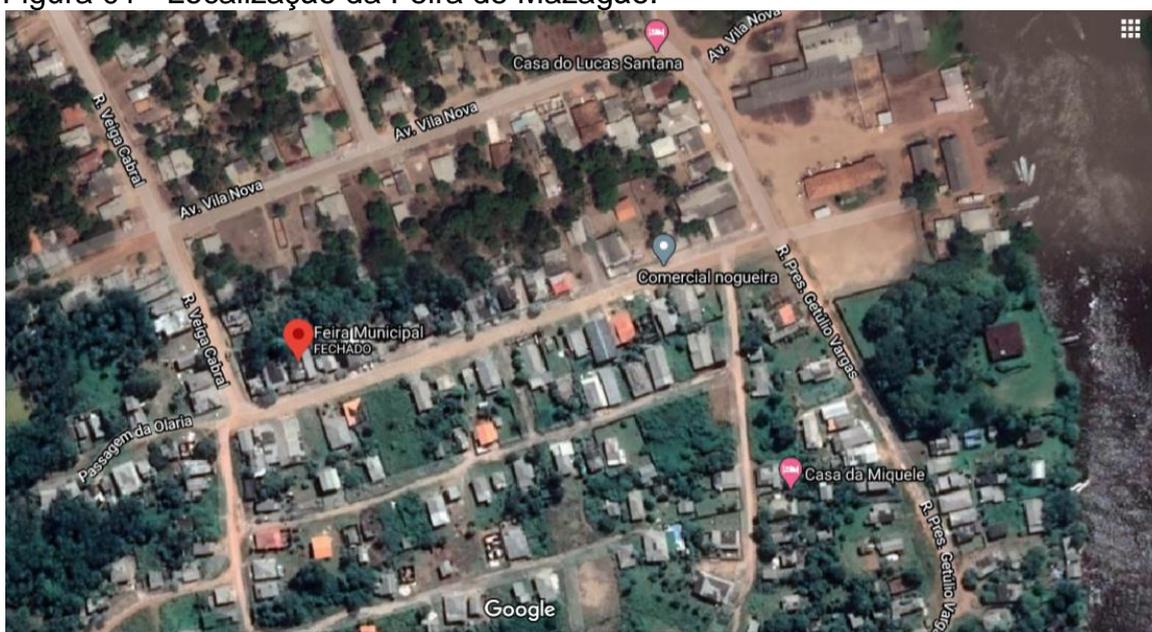
4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O presente trabalho foi desenvolvido na sede de Mazagão (00°06'54" S, 51°17'20" O), localizado na região sul do Estado do Amapá. O município encontra-se a 60 m de altitude e o clima, segundo classificação de Köppen, é do tipo Am, com temperatura média anual para a região de 27 °C, umidade relativa de 80% e pluviosidade média anual de 2.410 mm (LIMA et al., 2018).

A pesquisa de campo aconteceu na área em que ocorrem as atividades da Feira Urbana de Mazagão, localizada na Rua Presidente Getúlio Vargas, n.º 310, bairro central, do município de Mazagão, região a oeste da capital Macapá, estado do Amapá como identificado na Figura 01.

Figura 01 - Localização da Feira de Mazagão.



Fonte: Google Maps (2020).

A localização em que a feira ocorre é privilegiada, por considerar a proximidade com a orla de Mazagão, identificando-se grande fluxo populacional que buscam as margens do rio Beija Flor, com a finalidade de lazer, banho, pesca e travessia nas embarcações para outras localidades da região.

Além disso, a feira de Mazagão fica próxima de lojas de materiais de construção, comércios (mercearias, padarias, mercados, frutarias e outros) de

pequeno e médio porte, madeireiras, igrejas, escolas públicas, Unidade Mista de Saúde, enfim, um gama de comércios com seu nicho de produtos e serviços que visam atender a população da cidade de Mazagão (MATTOS; BEZERRA, 2003).

O público que frequenta a feira possui diversas características, podendo ter ou não residência fixada na cidade de Mazagão (AP), e certamente têm o hábito de comprar essencialmente frutas e legumes, com a consciência de estarem adquirindo e consumindo alimentos que proporcionam uma alimentação saudável (CARVALHO et al., 2010).

4.2 PROCEDIMENTOS LEGAIS

O primeiro procedimento para a realização do estudo foi elaborar o projeto de pesquisa e submeter ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UNIFAP. Dessa forma, foi solicitada a anuência da SEMAGRI (anexo 01), com objetivo de solicitar consentimento para a realização da visita à feira, proceder com a aplicação do instrumento de coleta de dados (questionário semiestruturado) e realização das entrevistas. Por fim, o trabalho recebeu o parecer de aprovado e autorização para a realização da pesquisa (anexo 02).

No ato da entrevista aos feirantes que voluntariamente decidiram participar do estudo, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), sendo lido e explicado ao grupo de feirantes os objetivos e dos procedimentos para participação na etapa de coleta de dados.

4.3 TIPO DE ESTUDO

Foi utilizada a técnica de pesquisa de campo do tipo exploratória, que segundo Gil (2018) representa o método que busca analisar os fenômenos envolvidos no objeto de estudo através do uso de instrumentos de coleta de dados. Nesse caso, questionários e entrevistas possibilitando testar a metodologia para alcançar o objetivo proposto no estudo.

A pesquisa de campo exploratória caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.), nesse tipo de pesquisa o investigador inicia um processo de

sondagem, com observações com intuito de aprimorar ideias para se construir hipóteses. (FONSECA, 2002).

4.4 LEVANTAMENTO DE DADOS SECUNDÁRIOS DOS INFORMANTES

Realizou-se consulta em fontes secundárias, artigos de periódicos, monografias, dissertações e teses sobre feiras urbanas. Também foram pesquisados, nos arquivos de instituições de pesquisa e de ensino (EMBRAPA, UNIFAP), informações dos agricultores familiares que residem em assentamentos rurais referente ao escoamento da produção e comercialização em feiras urbanas em Mazagão (AP) e outras cidades do Estado do Amapá. Assim, buscou-se através da pesquisa de dados secundários, levantar informações que já se encontravam disponíveis na literatura acadêmica.

O trabalho compreendeu ações em campo como as visitas na feira, contatando diretamente os feirantes, buscando dados que permitiram investigar o perfil socioeconômico dos produtores agrícolas que comercializam na feira municipal de Mazagão, Amapá.

As visitas na feira ocorreram entre os dias 07 a 12 de março de 2020, pela manhã, no período de 8h - 12h. Foram entrevistados 20 feirantes de ambos os sexos, com idade a partir de 18 anos e de diferentes graus de escolaridade. Embora não se tenha registrado e catalogado o número exato de feirantes na Feira Agrícola do Mazagão, a SEMAGRI estima esse número de entrevistados (20 indivíduos) em um percentual de 25%, visto que esse número é muito dinâmico, devido a constante entrada e saída de novos feirantes.

4.5 AMOSTRAGEM

Foram selecionados para a realização do estudo feirantes representantes de famílias que cultivam e comercializam produtos agrícolas na Feira Agrícola de Mazagão.

Em relação a seleção da amostra, participaram do estudo os feirantes que foram identificados e voluntários em participar da entrevista à época da visita prévia na Feira Agrícola de Mazagão, quando foram realizados diálogos, e foram

observados aspectos da produção dos feirantes conforme os objetivos propostos. Dessa forma, foram obtidos dados com a participação de 20 feirantes, os quais foram abordados de forma espontânea e maneira aleatória. Não foram disponibilizadas informações sobre o quantitativo total dos que atuam nesse feira. A abordagem ocorreu por meio de diálogo informal, apresentação dos objetivos.

4.6 COLETA DE DADOS

Utilizou entrevistas com questões fechadas e abertas que possibilitaram aos participantes expressar livremente seu ponto de vista. Ainda em campo, foram colhidos dados com as perguntas, visando a descrição do perfil socioeconômico dos feirantes que atuam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá.

Em relação ao registro dos dados da entrevista, foi utilizado caneta e papel para anotações e aparelho celular para o registro fotográfico e gravação de áudio com o propósito de facilitar a análise das informações obtidas através do registro de áudio dos entrevistados, o que permite exatidão na coleta e análise das informações, relatadas nas entrevistas a entrevista aconteceram de maneira oral e dialogada (BELEI et al., 2008).

Nos diálogos conduzidos junto aos informantes utilizou-se gravadores e questionário semiestruturado (Apêndice B). O uso desse tipo de questionário possibilita que outras informações sejam adicionadas. As entrevistas tiveram duração média entre 15 a 20 minutos.

4.7 TABULAÇÃO DOS DADOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Essa etapa foi conduzida de acordo com a metodologia preconizada por Bartelmebs (2020), em que os dados coletados em campo foram categorizados de acordo com a faixa etária, gênero, escolaridade, produtos comercializados, localização da barraca na feira, transporte utilizado para escoar produção, incentivos ao crédito, financiamento da produção e organização dos feirantes em associações.

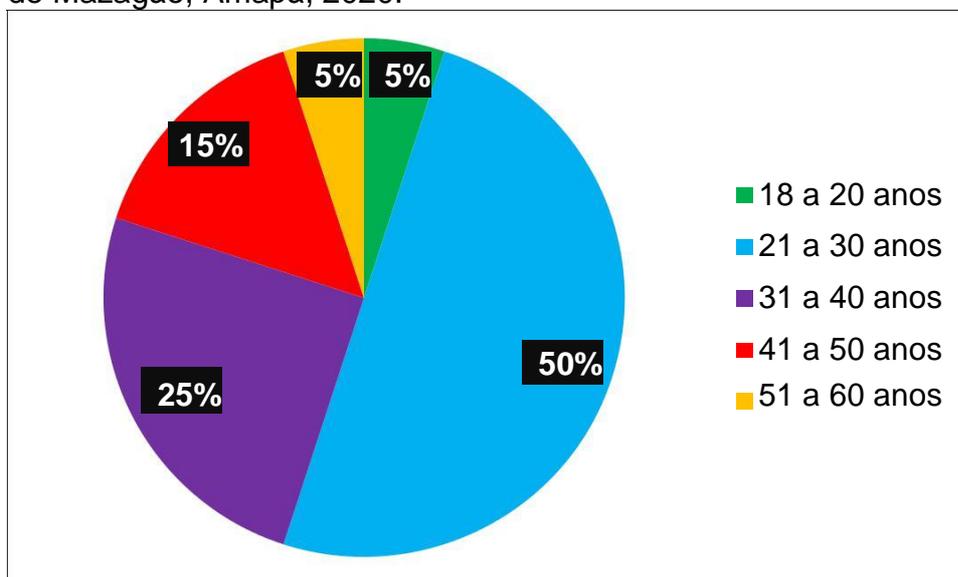
As informações obtidas com os informantes foram organizadas em planilhas utilizando o programa do computador Microsoft Office Excel 2013, e submetidas a análise qualitativa em que as respostas foram agrupadas e representadas por meio da estatística descritiva, expressas em tabelas e gráficos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS FEIRANTES

A metade dos feirantes declarou ter entre 21 a 30 anos de idade, demonstrando a prevalência de (50%) e 31 a 40 anos (25%), respectivamente, evidenciando que exercem uma profissão que está sendo passada de pais para filhos, ou dos feirantes com mais idade para os membros familiares mais novos (Gráfico 1).

Gráfico 01 - Demonstrativo da faixa etária dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.



Compreende-se que os feirantes mais jovens realizam as atividades comerciais com seus familiares (mais idosos), e assim, trocam experiências em meio a realização das tarefas. Entre essas atividades destacam-se: o transporte da produção, a montagem das barracas, o contato com fornecedores de outros assentamentos e atendem os clientes, situação já observada por Rocha et al. (2010) e Tello et al. (2015) em trabalho similar.

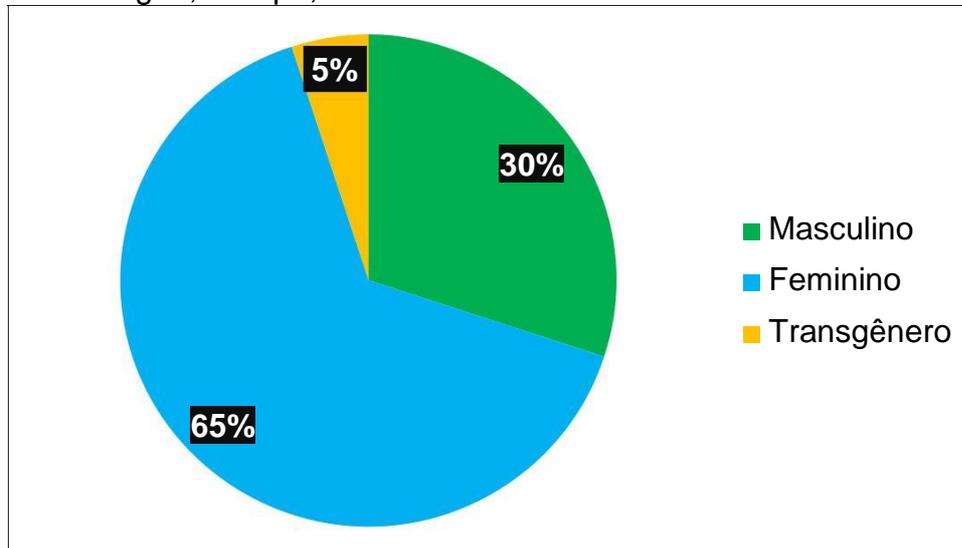
Esses dados são similares aos de Tello et al. (2015) que ao analisar o perfil socioeconômico dos feirantes de Tabatinga – AM constataram que as faixas etárias de 21 a 30 anos e 31 a 40 anos foram as mais recorrentes no estudo realizado, com 25% e 35% dos entrevistados, respectivamente. No entanto, estes resultados divergem aos de Souza et al. (2012) e Rocha et al. (2010), que observaram a

predominância de faixa etária entre 40 a 60 anos para os feirantes de Montes Claros (MG) e prevalência de 40 a 55 anos para os vendedores da Feira do Produtor de Passo Fundo (RS).

São dados que também corroboram com os estudos de Guimarães e Doula (2019), ao abordarem representações sociais sobre o processo de sucessão e herança das barracas e da profissão de feirante no Mercado Municipal de Montes Claros (MG), constataram que os membros familiares mais jovens dos feirantes nascem e crescem em meio ao trabalho árduo, e estes continuam a atividade na feira.

Os dados sobre o gênero dos feirantes evidenciando que na autodeclaração dos feirantes houve prevalência do sexo feminino (65%). Às mulheres feirantes incumbe diversas responsabilidades, desde atividades agrícolas, como também, a responsabilidade pelo âmbito doméstico, cuidados com os filhos, companheiros, alimentação e gerência das necessidades da casa (Gráfico 02).

Gráfico 02 - Demonstrativo do gênero dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.



Na Feira Agrícola do Mazagão prevalece pessoas do gênero feminino em razão da composição das atividades realizadas por cada família. Os gêneros podem ter funções específicas para serem realizadas individualmente, e há atividades que são realizadas tanto por homens, quanto por mulheres. No presente estudo, constatou-se maior presença feminina nas atividades da Feira Agrícola de Mazagão.

Contudo, o plantio, manejo e colheita da produção comercializada na feira são atividades realizadas por ambos os sexos. Enquanto que, os serviços que exigem maior força física, por exemplo, aqueles relacionados com o transporte da produção são realizados pelos homens. As atividades de comercialização direta ao consumidor são realizadas com predomínio das mulheres.

Esses dados são similares aos de Rocha e Vargas (2020) ao investigarem o perfil da mulher feirante constataram que todo o conhecimento foi obtido através da atuação diária desde a adolescência com os familiares, também feirantes. Portanto, o trabalho na feira está presente na cultura familiar, independente do gênero, representando continuidade da função dos seus antecessores e acréscimo de outras funções, como dona de casa, trabalhadoras em segundo emprego e a formação escolar (educação básica ou ensino superior).

Em estudo similar, Silva et al. (2014) ao estudarem as relações de gênero vivenciadas por mulheres feirantes em seus contextos profissional e pessoal, tendo como cenário a feira de Vitória da Conquista (BA), constataram que o trabalho na feira lhes garante contribuir no orçamento familiar. Dessa forma, essas mulheres adquiriram independência e, em alguns casos, conseguiram livrar-se de situações de violência ou submissão.

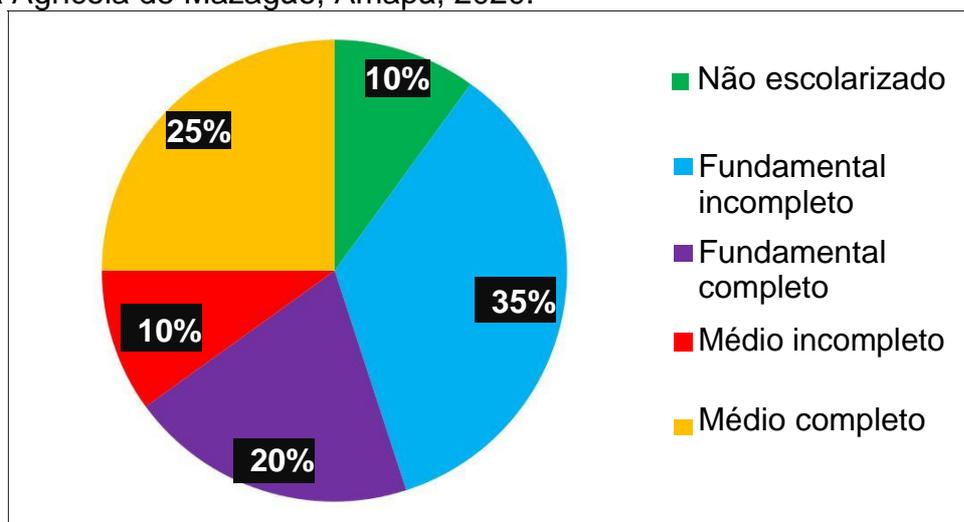
Uma concepção divergente foi evidenciada nos estudos de Prestes (2018), ao analisar a valoração do trabalho das mulheres feirantes de Parintins (AM), constatou nos relatos a divisão de tarefas na agricultura sem diferenças entre os sexos. Todavia, estão presentes as compreensões de trabalho “leve” e “pesado”. Para as mulheres são repassadas as atividades que não demandam gastos de força, passando aos homens as ações que demandam maior força física.

Na feira exigem conhecimentos matemáticos, persuasão para vendas aos clientes e participação dos processos de negociação com consumidores. Apesar da escolaridade não ser condição exigida para exercer o ofício de feirante. Os feirantes concluintes atuam na feira e no manejo dos produtos dos assentamentos junto dos que ainda não concluíram. Importante considerar que, as qualificações dos feirantes escolarizados se diferenciam.

Os dados da escolaridade mostram que há uma prevalência de agricultores com baixo grau de escolarização, desde os não alfabetizados até aqueles que completaram somente o ensino fundamental. A não conclusão dos estudos tem sido presente na realidade de 35% dos entrevistados que ainda não conseguiram

concluir o ensino fundamental (Gráfico 03). Nesse sentido, Paula Junior (2019) ao pesquisar sobre a escolaridade na zona rural de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, considerou que 65% da mão de obra que atuava na produção agrícola tinha baixa escolaridade.

Gráfico 03 - Demonstrativo do grau de escolaridade dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.



Estes resultados estão de acordo com os de Guimarães e Doula (2019) ao abordarem a escolaridade de feirantes da cidade de Monte Claros, em Minas Gerais, constataram que o grau de escolaridade foi maior entre os mais jovens (de 21 a 29 anos de idade), que afirmaram possuir o ensino médio completo; já os mais velhos (de 48 a 78 anos de idade) possuem o ensino primário completo.

As informações sobre grau de escolaridade identificadas são divergentes daqueles encontrados por Santos et al. (2009), ao constataram em Presidente Prudente (SP) que 41% dos feirantes possuem o nível básico, 29% concluíram o Ensino Médio, 21% declararam ter concluído o Ensino Fundamental e, apenas 9% declararam ter curso superior.

5.2 PRODUTOS COMERCIALIZADOS NA FEIRA

Dentre os produtos mais comercializados na Feira Agrícola de Mazagão, destacam-se os seguintes: a) para 14 feirantes a farinha de mandioca mais presente nas barracas; b) para nove feirantes o tucupi (líquido extraído da mandioca), goma de tapioca, bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.); e, c) salsa (*Petroselinum crispum*

(Mill.) Nym.) com cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.) e limão (*Citrus limon* (L.)) (Tabela 01).

Tabela 01 - Produtos vendidos nas barracas dos feirantes que comercializam na Feira Urbana de Mazagão, Amapá, 2020.

Ord.	Produto comercializado	Citações
1	Farinha de mandioca	14
2	Tucupi	9
3	Goma de Tapioca	9
4	Bacaba	9
5	Cheiro-verde (Salsa e Cebolinha)	7
6	Limão	7
7	Chicória	6
8	Pimentinha	6
9	Alface	4
10	Banana	4
11	Castanha do Brasil	4
12	Couve	4
13	Jerimum	4
14	Pepino	4

Os produtos mais comercializados na Feira Urbana de Mazagão (Tabela 01) são os derivados da mandioca (farinha, tucupi e goma de tapioca). O resultado é similar ao estudo de Silva (2010), ao confirmar que na região de Mazagão (AP), a mandiocultura é presente na produção de 80% dos agricultores familiares, o que garante sustento às famílias, e o excedente passa a ser comercializado diretamente ao consumidor ou aos atravessadores.

Dados que também foram confirmados por Marini (2015) ao expor que, a agricultura familiar praticada no Estado do Amapá desempenha um importante papel, na produção de alimentos e na manutenção do trabalhador no campo. As culturas alimentares estão intrinsecamente ligadas a cultura dos povos da Amazônia, além de possuir um valor de fundamental importância para as famílias. Dentre os produtos agrícolas mais consumidos pela população amapaense, Marini (2015) destacou a mandioca, cujo subproduto é a farinha, a qual apresenta um consumo de (30,55 kg *per capita* anual).

Entre os produtos mais presentes nas barracas dos feirantes destaca-se também a bacaba. Maciel et al. (2015) em trabalho realizado junto aos arranjos agroflorestais dos agricultores de Mazagão (AP), constataram que as culturas do

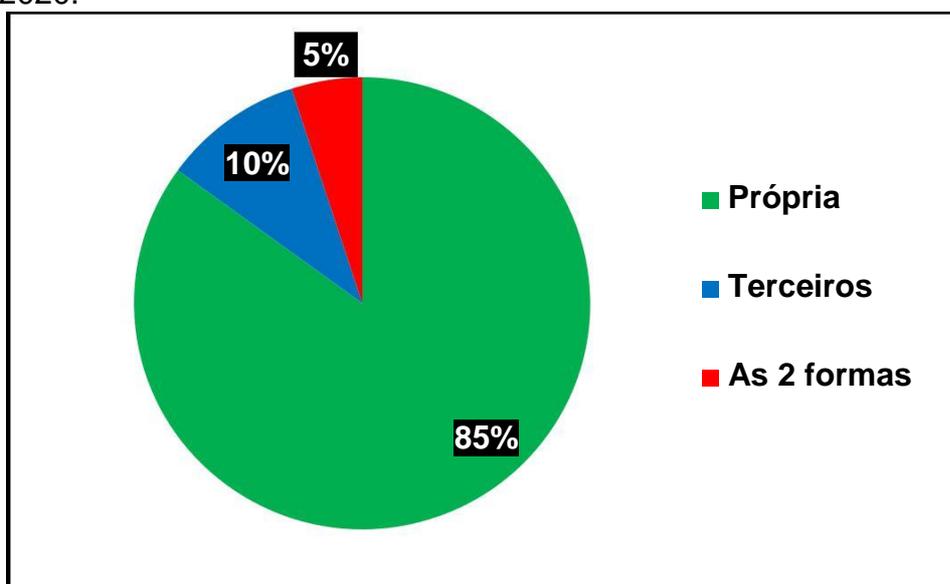
açaizero (*Euterpe oleracea* Mart.) e da bacabeira, apresentam maior prevalência nas vendas, o que representa maior fonte de renda.

Os dados sobre a presença nas barracas dos feirantes de cheiro verde e o limão evidenciam relação com resultados dos estudos realizados por Melo (2017) que avaliou a adoção e impactos do sistema de agricultura com uso de corte e queima no município de Mazagão, e assim, constatou que 64% dos agricultores familiares cultivam espécies frutíferas e hortaliças para subsistência e comércio de excedentes. Os agricultores trabalham com hortas nos assentamentos.

Os mesmos produtos identificados na barraca dos feirantes da Feira Agrícola de Mazagão (AP), também foram identificados na pesquisa de Lomba e Fonseca (2015) na comunidade foz do Rio Mazagão (AP) ao retratar que as famílias desenvolvem atividades agrícolas para subsistência e comércio de excedentes.

Os dados da origem da produção comercializada mostram que 85% dos feirantes comercializam sua produção agrícola, 10% declarou que essa produção acontece no lote de outro vizinho, e adquirida por outro agricultor (produção de terceiros), e, para 5% os produtos agrícolas comercializados em suas barracas são de origem própria e de terceiros (as duas formas) (Gráfico 04).

Gráfico 04 – Origem da produção comercializada na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.



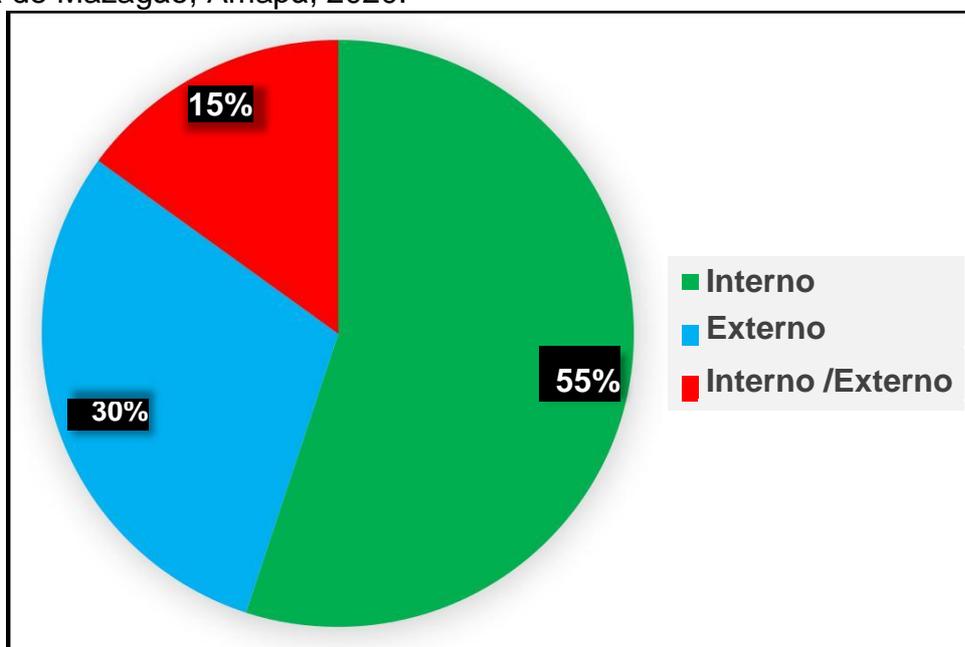
Estes resultados reforçam os estudos realizados por Amaral (2016) sobre a inserção das feiras de Marabá (PA), Macapá (AP) e Castanhal (PA) no circuito espacial de produção, considerando a feira como espaço para abastecer os

municípios através do escoamento da produção da área rural para área urbana. Nestas, visualiza-se um quadro de produtos agrícolas de origem própria e/ou de terceiros. São produtos obtidos nos assentamentos de um mesmo município ou de uma mesma comunidade, podendo ser concorrentes, ou não, nos dias em que a feira ocorre.

No estudo realizado por Marini (2015) com produtores agrícolas de Mazagão (AP), a produção foi classificada em própria e ou de terceiro e representou formas de beneficiamento manual. Os produtos comercializados nas cidades de Mazagão (AP) e de Macapá (AP) estão considerando os insumos e custos com obtenção de matéria-prima e de estocagem destes produtos, fatores que influenciam na determinação do preço final.

Em relação ao local onde ocorre a comercialização, observa-se a distribuição de barracas nos espaços interno e externo do prédio do Mercado Municipal, realizando-se a movimentação e organização da produção a ser comercializada. Constatou-se que 55% dos feirantes comercializam seus produtos no interior do prédio do Mercado Municipal (Gráfico 5).

Gráfico 05: Demonstrativo da localização das barracas dos feirantes na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.



Apesar da prevalência de feirantes que atuam na área interna (55%) também foi possível identificar que 30% dos feirantes realizam a venda dos produtos na área externa, e que, 15% dos feirantes entrevistados possuem espaços na área interna e

também possuem barracas no espaço externo da feira. Em relação aos que atuam na área interna do Mercado Municipal, cada barraca possui um espaço organizado por balcões para uso coletivo, com espaços delimitados de 1,5 metro para cada feirante.

Em relação aos dados sobre os feirantes que atuam no espaço interno, a pesquisa de Guimarães e Doula (2019) afirma que tanto a barraca quanto o espaço de comercialização são repassadas aos feirantes por meio de concessão de uso, caso não cumpra alguma norma estabelecida pela SEMAGRI, a barraca é repassada para outro feirante.

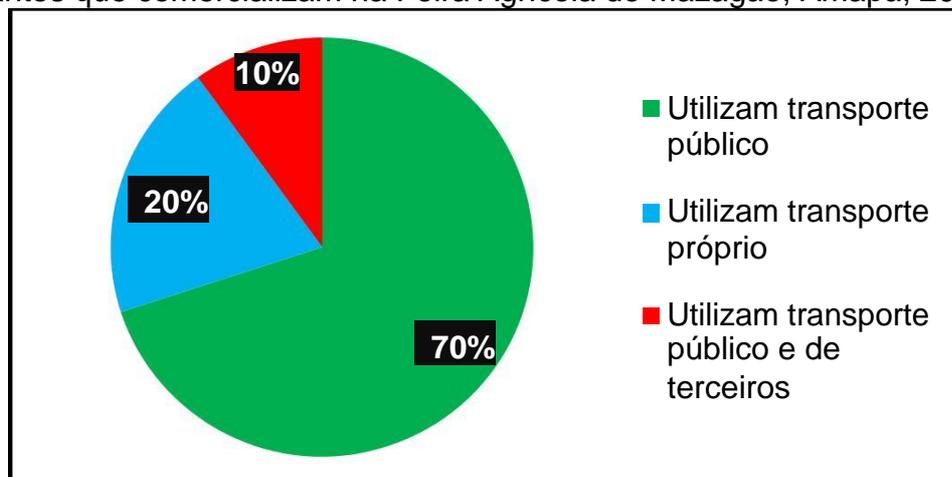
Quanto aos feirantes que atuam na área externa da feira, a estrutura fornecida pela SEMAGRI é suficiente para as atividades de venda da produção. As barracas são de madeira (algumas improvisadas com caixas dos produtos) ou de ferro (com coberturas plásticas). A SEMAGRI regulamenta as atividades dos feirantes e organiza os horários de funcionamento e dos espaços para comercialização.

Nesse sentido, Guimarães e Doula (2019) analisaram que as feiras que ocorrem nas ruas adjacentes de um prédio específico são um segmento de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade determinada por regimento específico organizado pelo gestor destas unidades e organizada como meio de comércio de determinado segmento pela municipalidade, voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos produzidos pelos próprios agricultores dos assentamentos locais.

Os estudos realizados por Conrado e Alencar (2019) com mães, pais, filhos(as) e netos(as) de feirantes em uma feira de Belém (PA), constataram que a atuação dentro do galpão da feira os torna feirantes, e aos que comercializam na parte externa (ruas e imediações), são ambulantes que negociam os mesmos produtos e, pode-se acrescentar ainda, equipamentos eletrônicos, brinquedos, roupas, entre outros produtos que tornam o local da feira atrativo para a diversidade de clientes.

Quanto ao transporte dos assentamentos até a feira, houve prevalência do uso de transporte público (70%) aquele ofertado pela SEMAGRI para garantir que os agricultores familiares possam exercer suas atividades empreendedoras e garantir renda para continuidade das práticas produtivas (Gráfico 06).

Gráfico 06 – Demonstrativo do uso de transportes para escoamento da produção dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.



Embora 70% dos feirantes tenham declarado que utilizam o transporte público para ir à feira duas vezes por semana, este percentual refere-se ao transporte garantido pela SEMAGRI, um caminhão que percorre em torno de 35 quilômetros entre a feira e as localidades dos agricultores. Também se constatou que 20% dos feirantes utilizam o transporte próprio.

De acordo com Oliveira Junior et al. (2014), ao investigarem o escoamento da produção agrícola no assentamento do Piquiazal, em Mazagão (AP), constataram que ocorre em dois dias da semana, por meio de um caminhão que percorre os assentamentos realizando o transporte da produção até a feira. Esses autores também constataram que esse transporte acontece pela rodovia AP-010 que se encontra parcialmente asfaltada, por estradas vicinais que não possuem nenhum tipo de manutenção e se encontram em um situação de difícil trafegabilidade.

Há os feirantes (10%) que declararam o uso do transporte público ofertado pela SEMAGRI duas vezes na semana, e nos demais dias, utilizam os transportadores (ou transporte com terceiros), também conhecido como atravessadores que recebem os produtos dos agricultores e leva-os para que outros produtores possam realizar o comércio na feira.

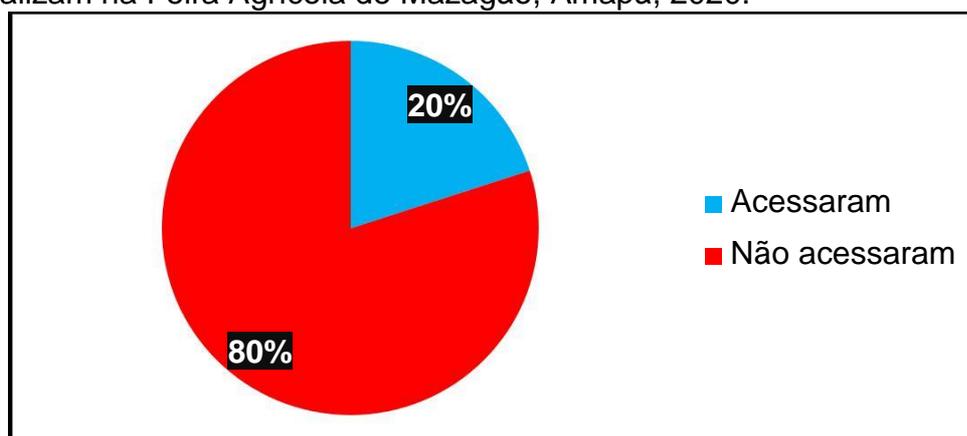
No estudo de caso da Feira Livre de Jaguarão (RS) realizado por Silva et al. (2017), constatou-se que os feirantes recebem a estrutura que permite a realização da feira, como tendas, balanças e caixas de armazenamento, e também o caminhão que permite organização da logística e transporte da produção.

Nesse sentido, Silva et al. (2017) explicaram que o transporte dos feirantes garante escoamento de produção do assentamento e acesso dos feirantes à feira, e assim, recomendam a importância de melhorias nas estradas dos assentamentos para que o escoamento e o transporte possam ser garantidos e beneficiar os feirantes produtores.

Agricultores familiares no estado do Amapá, predominantemente não possuem recursos para transportar seus produtos até o mercado consumidor, seja para atender o varejo local ou a feira do produtor. Com a demanda dos agricultores familiares junto ao governo do estado foram criadas políticas públicas como o PPI, as Feiras do Produtor Rural (Macapá e Santana), que possibilitaram o transporte da produção agrícola para estes locais de comercialização (SEGOVIA, 2011).

A menor parcela dos feirantes (20%) possui transporte próprio com o qual realizam o escoamento da produção até a feira e a outras cidades. Estrutura resultante de créditos/financiamentos anteriores. O baixo acesso ao créditos/financiamento resulta das dificuldades impostas pela burocracia bancária, o que inviabiliza a situação para a maioria dos agricultores que não conseguem acessar o crédito rural (Gráfico 7).

Gráfico 07 – Demonstrativo do acesso ao crédito rural por agricultores feirantes que comercializam na Feira Agrícola de Mazagão, Amapá, 2020.



A baixa adesão ao crédito rural pelos feirantes evidencia as desigualdades sociais nos assentamentos rurais, salientando a ineficácia das políticas de ordenamento rural que não chegam de forma efetiva para todos, o que inclusive desencadeia uma série de problemas.

O estudo de Filocreão e Silva (2016) que analisou a sustentabilidade dos sistemas de uso da terra praticados no assentamento agroextrativista do Anauerapucu, Santana (AP) confirma que o crédito rural é, de fato, uma política agrícola criada para estimular investimentos rurais, bem como manutenção e a expansão do padrão de produtividade alcançado pela agricultura. Entre as fontes de financiamentos para os agricultores estão o FRAP, FNO e PRONAF.

A agricultura familiar praticada no Amapá tem contribuído com a produção de alimentos que fazem parte da dieta da população local (Lomba; SILVA, 2014). Neste sentido, segundo Grisa e Schneider (2014), desde a década de 1950 há tratativas do Estado para organizar políticas públicas para financiamento da produção agrícola (crédito rural) garantindo abastecimento, mantendo desempenho da produção, e propondo ampliação de conhecimentos sobre novas tecnologias no campo, melhorando as condições de vida dos agricultores.

Ziger (2018) ao analisar o papel do crédito rural na geração de oportunidades, aproximando o beneficiário das políticas que estimulam investimentos em avanços tecnológicos e melhorias nas estruturas das propriedades, confirmou que no caso do PRONAF, o acesso ao crédito rural possibilitou aos agricultores se descobrirem como atores estratégicos para o crescimento de uma determinada região, tendo a capacidade de apoiar o desenvolvimento rural, por meio do fortalecimento da agricultura familiar, em função de sua importância na produção de alimentos para o mercado interno e, principalmente como geradora de postos de trabalho e renda.

Os estudos de Lomba e Silva (2014) confirmam que o acesso dos agricultores familiares do Amapá às modalidades de crédito (FRAP e FNO) é burocrático e dificultoso, há feirantes que não se adequam aos requisitos técnicos e, por consequência, não conseguem inovar suas técnicas produtivas, adquirir tecnologias, novas sementes e ampliar a produção com acompanhamento da qualidade do manejo.

Os estudos de Ribeiro et al. (2019) que investigaram o perfil dos agricultores familiares da monocultura de mandioca na região do Lago do Ajuruxi, Mazagão (AP), constataram que em relação ao crédito rural há algumas restrições, tanto de ordem estruturais, como econômicas e sociais. Dentre elas, citaram: falta de apoio técnico dos órgãos governamentais, dificuldade de transporte da produção até os centros consumidores, falta de adequação aos requisitos para acesso ao crédito rural; falta de políticas públicas de incentivo ao homem no campo, entre outras.

As associações e cooperativas são importantes para que os feirantes, agricultores familiares, possam melhorar sua forma de atuar no mercado e sua permanência nos assentamentos rurais. Esta situação observada em Mazagão (AP) também foi identificada por Sangalli et al. (2015) no estudo realizado em Dourados (MS), em que constataram que a união desses pequenos produtores em associações permitiu que participassem do dinamismo econômico, social e rural, exercendo uma atuação diferenciada.

Saraiva e Borges (2021) ao organizarem estudos sobre a agricultura familiar e políticas públicas na comunidade Vila Ressaca da Pedreira, Macapá (AP.), constataram que a desconfiança e o receio dos agricultores familiares em contrair dívidas foram os principais responsáveis pelos baixos índices de acessos ao Pronaf. Juntamente com a falta de informação sobre o programa e exigência documental foram os principais motivos da falta de interesse por parte dos agricultores na obtenção dessa política.

6 CONCLUSÕES

Em relação ao perfil socioeconômico dos feirantes que comercializam na Feira Agrícola do Mercado Municipal de Mazagão, predominou aqueles com faixa etária de 21 a 30 anos. Evidenciando que os membros mais jovens das famílias de agricultores estão presentes na feira.

As mulheres são maioria dos feirantes, estas realizam o trabalho que demanda menos força física no atendimento dos clientes, enquanto os homens realizam atividades como carregamento da produção, plantio e colheita nos assentamentos, beneficiamento e outros.

Os feirantes da Feira Agrícola do Mazagão, entrevistados no presente estudo, apresentam baixa escolaridade, predominando o ensino fundamental incompleto.

Os produtos mais comercializados são os derivados da mandioca (farinha, tucupi, goma de tapioca), além da bacaba, cheiro verde e limão.

A principal dificuldade constatada foi o escoamento da produção dos feirantes até a feira, que pode gerar perda de produção (quando o escoamento não ocorre) e pode gerar custos inesperados (se realizado pelos atravessadores).

A maior parcela dos feirantes não possui transporte próprio por isso realizam o escoamento da produção até a feira através do meio de transporte garantido pela SEMAGRI. Estrutura resultante do baixo acesso aos créditos/financiamentos.

O baixo acesso ao crédito resulta das dificuldades impostas pela burocracia bancária, o que inviabiliza a situação para a maioria dos agricultores.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, A. D.; BORITZA, O. R.; OLIVEIRA, N. D. A.; SILVA, S. A.; JUNKES, M. B.; DAMACENA, A. S. Sustentabilidade de feiras livres: um estudo exploratório no Município de Cacoal – RO. **Brazilian Journal of Business**, v. 2, n. 2, p. 1753-1775, 2020.

ALMEIDA, C. B. S.; SANTOS, E. A. C. Subsistência Da Zona Franca De Manaus Em Meio À Crise Do Coronavírus. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 15, n. 4, p. 5-20, 2021.

ALMEIDA, S. P. N. C. **Fazendo a feira: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2009.

AMARAL, M. D. B. As feiras em cidades médias da Amazônia: as relações desenhadas a partir das experiências nas cidades de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 20, n. 2, p. 376-391, 2016.

ARAUJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 7, n. 2, p. 300-327, 2018.

BARTELMÉBS, R. C. Analisando os dados na pesquisa qualitativa. **Metodologia e Estudos em Pesquisas**, v. 1, n. 3, p. 1-6, 2020.

BATISTA, A. J. **Políticas de extensão rural no Estado do Amapá: história, discurso e prática extensionista**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

BELEI, R. A.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; NASCIMENTO, E. N.; MATSUMOTO, P. H. V. R. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, v. 1, n. 30, p. 187-199, 2008.

BRASIL. **Lei 11.326 de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

CARVALHO, F. G.; REZENDE, E. G.; REZENDE, M. L. Hábitos de compra dos clientes da feira livre de alfenas-MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 12, n. 1, p. 131-141, 2010.

CONRADO, M. P.; ALENCAR, B. R. O. Família de Feirante, Feirante também é: Mães, Pais, Filhos(as) e Netos(as) da Feira da Prainha de Belém do Pará. In: IX CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 31. 2019, Palhoça, SC. **Anais...**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2019.

COUTINHO E. P.; NEVES, H. C. N.; NEVES, H. C. N.; SILVA, E. M. G. Feiras livres do brejo paraibano: crise e perspectivas. In: X CONGRESSO DA SOCIEDADE

BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 13. 2006, Fortaleza, CE. **Anais....**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2006.

DE JESUS, A. C.; GOMES, C. R.; DE MORAIS, A. A.; MORAES, M. H. DA S.; DA SILVA, F. V. A.; MADEIRA, F. P.; BERNARDE, P. S.; MENEGUETTI, D. U. DE O.; DE SOUZA, R. M. Qualidade microbiológica das farinhas de mandioca (*Manihot esculenta crantz*), comercializadas em feira-livre no município de Cruzeiro do Sul/Acre/Brasil. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 5, n. 1, p. 2-48, 2018.

DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico Goiânia-GO**, v. 2, n. 2, p.72-87, 2008.

ESPÍRITO SANTO, A. L. DO; DA COSTA, E. A.; BENEDETTI, A. G. A feira livre de Corumbá/MS na fronteira Brasil-Bolívia. **Boletim de Geografia**, v. 35, n. 3, p. 93-108, 2017.

FERREIRA, C.; MARQUES, T.; GUERRA, P. Feiras e mercados no Porto: velhos e novos formatos de atividade econômica e animação urbana. **GOT Revista de Geografia e Ordenamento Territorial**, v. 1, n. 8, p. 1-18, 2015.

FILOCREÃO, I. C.; SILVA, A. C. Sustentabilidade dos sistemas de uso da terra praticados no assentamento agroextrativista do Anauerapucu-AP. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Rural**, v. 4, n. 2, p. 1-34, 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. 23 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2018. 450 p.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e estado no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 52, suppl 1, p. 125-146, 2014.

GUIMARÃES, T. T. D.; DOULA, S. M. Memória e identidade: o processo de sucessão e herança no Mercado Municipal de Montes Claros – MG, Brasil. **Revista Mundo Agrário**, v. 1, n. 14, p. 1-15, 2019.

HUNT, A. R. Interações do consumidor e influências sobre os vendedores do mercado dos agricultores. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v.22, n.1, p.54-66, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**. Brasília, DF:IBGE, 2021. Disponível: <https://bit.ly/3h1RpdY>. Acesso em: 17/ de jun. de 2021a.

KINJO, T.; IKEDA, A. Comportamento do Consumidor em Feiras Livres. **Research Gate**, v. 1, n. 134, p. 1-19, 2018.

KUKIEL, É.D.G.; OLIVEIRA, É.S.; SILVEIRA, C.V. Dinâmicas e espacialidades das feiras livres nas fronteiras entre Brasil-Bolívia e Brasil-Paraguai. **Para Onde!?**, v. 13, n. 2, p. 165-182, 2020.

LIMA, A. E. F.; SAMPAIO, J. L. F. Aspectos da formação espacial da feira livre de Abaiara – Ceará: relações de troca. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA HUMANA, 1, 2009. **Anais...** São Paulo, v. 1, n. 2, 2009.

LIMA, A. F.; SILVA, E. G. A.; IWATA, B. F. Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura. **Retratos de Assentamentos**, v. 22, n. 1, p. 50-68, 2019.

LIMA, R. B.; VILHENA, J. E. S.; FREITAS, J. L. **Climatologia do Amapá: Quase um século de história**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. 100 p.

LOMBA, R. M.; FONSECA, J. G. Os conflitos pela terra no Amapá: uma análise sobre a violência institucionalizada no campo. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 2, n. 2, p. 185-204, 2015.

LOMBA, R. M.; SILVA, I. C. O crédito rural na agricultura familiar no Estado do Amapá-Brasil. **Revista Informe Gepec**, v. 18, n. 2, p. 20-36, 2014.

MACIEL, H. L.; ASSIS, D. S.; YOKOMIZO, G. K. Arranjos agroflorestais no contexto da agroecologia: O caso dos agricultores da região do Médio Maracá no município do Mazagão, Amapá. **Revista Verde**, v. 10, n.2, p. 271-277, 2015.

MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). **Feiras orgânicas e agroecológicas da Amazônia**. Brasília-DF: MAPA. 2019. 115 p.

MARINI, J. A. **Principais produções agrícolas dos estabelecimentos familiares do Estado do Amapá**. Boletim Técnico Científico. Macapá: Embrapa Amapá, 2015.

MARION, J. C.; RIBEIRO, O. **Introdução à Contabilidade Gerencial**. São Paulo: Saraiva, 2011. 270 p.

MARTINS, D. F. **Composição florística de vegetação viária no município de Mazagão, Amapá**. 2019. 38 f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias e Biologia). Universidade Federal do Amapá, Mazagão (AP), 2019.

MARTINS, W. M. O.; MACIEL, Z. M.; PAIVA, F. S. Hortaliças na feira de agricultura familiar do Vale do Juruá, Acre: produção, comercialização e aspectos socioeconômicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, SÃO CRISTÓVÃO, SERGIPE, 10. 2020. **Anais...** São Paulo, v. 15 n. 2, 2020.

MATTOS, P.L.P.; BEZERRA, V.S. **Cultivo da mandioca para o Estado do Amapá**. Macapá: Embrapa, 2003. 66 p.

MELO, L. P. **Avaliação da adoção e impactos do sistema de agricultura com uso de corte e queima no município de Mazagão**. 2017. 96 f. Dissertação

(Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do Amapá, Macapá, Amapá, 2017.

MOTA, J. B.; FERREIRA, S. D.; MORALES, Ú. S. As feiras livres: um estudo sobre a comercialização de pescado nas áreas urbanas do município de Macapá-AP. **The Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 75399-75420, 2020.

OLIVEIRA JUNIOR, A. S.; SARMENTO, J. F.; SILVA, J. C.; MARQUES, R. G. Da realidade às perspectivas: um caso do assentamento do Piquiazal no município de Mazagão-Ap. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 13, 2014, Vitória-ES. **Anais...**, Vitória-ES: Unimg, 2014.

PAULA JUNIOR, A. Escolaridade nas zonas rurais da região sul. **Espaço e Economia**, v. 1, n. 16, p. 1-19, 2019.

PEDRADA, A. K. L. **Viabilidade econômica de concessão do selo orgânico na comercialização de hortaliças do agricultor familiar do Amapá**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, Amapá, 2018.

PEREIRA, V.; BRITO, T.; PEREIRA, S. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas**, v. 10, n. 2, p. 67-79, 2017.

PRESTES, A. S. Relações de gênero e trabalho de mulheres agricultoras/feirantes no mercado municipal de Parintins – AM. In: NCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 16. 2018. **Anais...** Rio de Janeiro, UFERJ, 2018.

QUEIROZ, T. A. N. **As feiras livres de Natal-RN: um estudo a partir da teoria dos circuitos da economia urbana**. 2011. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2011.

RIBEIRO, A. S.; LIMA, F. B.; REIS, J. S. **Motivações e restrições para o desenvolvimento da mandiocultura no Lago do Ajuruxi, Mazagão – Amapá**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação do Campo) – Universidade Federal do Amapá, Mazagão, Amapá, 2019.

ROCHA, H. C.; COSTA, C.; CASTOLDI, F. L.; CECCHETTI, D.; CALVETE, E. O.; LODI, B. S. Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da feira do produtor de Passo Fundo, RS. **Ciência Rural**, v. 40, n. 12, p. 2593-2597, 2010.

ROCHA, P. Q.; VARGAS, M. A. M. Ser mulher e ser feirante no território-lugar chamado feira. **Revista Diversitas Journal**, v. 5, n. 1, p. 263-269, 2020.

SABOURIN, É. **Agricultura familiar: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais; ensinamentos a partir de casos**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 119 p.

SARAIVA, O. N.; BORGES, W. L. Agricultura familiar e políticas públicas: estudo de caso na comunidade Vila Ressaca da Pedreira, Macapá, Amapá, Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 16, n. 4, p. 1-13, 2021.

SANGALLI, A. R.; SILVA, H. C. H.; SILVA, I. F.; SCHLINDWEIN, M. M. Associativismo na agricultura familiar: contribuições para o estudo do desenvolvimento no assentamento rural lagoa grande, em Dourados (MS), Brasil. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 2, p. 225-238, 2015.

SANTOS, C. **Estatística descritiva**. Manual de auto-aprendizagem. São Paulo: Silabo Edições, 2007. 110 p.

SANTOS, H. S.; SILVA, A. A.; FAVARIN; S.; CREMASCO, C. P.; NARITA, N. Perfil socioeconômico do feirante, procedência e quantidade comercializada de hortaliças na feira central de Presidente Prudente – SP. **Horticultura brasileira**, v. 27, n. 2, p. 1-9, 2009.

SANTOS, I.; FERREIRA, A.; ANDRADE, D.; ANDRADE, I.; SOUSA, R.; SOUSA, R.; MELO, L. Perfil Dos Produtores Da Feira De Transição Agroecológica em Araguatins – TO. In: ENCONTRO REGIONAL DE AGROECOLOGIA DO NORDESTE, 1, 2018. **Anais...** Rio Largo, v. 1, n. 1, 2018b.

SANTOS, R.O.; SOARES, R. N.; RABELO, F. G.; ABREU, J. C. Extensão rural na agricultura familiar: As características de uma família agrícola no município de Santana, Amapá, Brasil. **Revista Ciência em Extensão**, v. 14, n. 4, p. 97-112, 2018a.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. ed. especial 1, p. 95-102, 2007.

SEGOVIA, J. F. O. **Dimensão da agricultura familiar e periurbana no estado do Amapá: desafios para o abastecimento frente à urbanização**. 2011. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2011.

SEIBEL, L. **Artigo de nutrição relaciona o consumo de alimentos in natura, processados e ultraprocessados**. Univates.br, 27 de agosto de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/31y0cNh>. Acesso em: 31 de março de 2021.

SILVA, I.; LOMBA, R. Aspectos da importância da agricultura familiar no estado do Amapá. In: VII EPEC, 1, 2011. **Anais...** São Paulo, v. 1, n. 1, 2011.

SILVA, J. S. F.; GOMES, A. F.; SANTOS, A. A.; SANTANA, W. G. P.; CHAVES, A. M.; PIAU, D. D. D. N. Relações de Gênero no Mundo do Trabalho: um estudo com mulheres feirantes no interior da Bahia. In: XXXVIII ENCONTRO DA ANPAD, 31, 2014, Rio de Janeiro-RJ. **Anais...**, Rio de Janeiro-RJ: ANPAD, v. 1, n. 1, p. 1-14. SILVA, L. R. P.; SILVA, J. R.; SILVA, F. L.; SOUZA, M. P. Agricultura Familiar Amazônica: sistema de produção - Ilha Compompema - Abaetetuba – Pará. **Fragmentos da cultura**, v. 25, n. 2, p. 1-19, 2015.

SILVA, M. N.; CECCONELLO, S. T.; ALTEMBURG, S. G. N; SILVA , F. N.; BECKER , C. A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 47, p. 1-14, 2017.

SILVA, R. B. L. **Diversidade, uso e manejo de quintais agroflorestais no Distrito do Carvão, Mazagão-AP, Brasil**. 2010. Tese (Doutor em Ciências: Desenvolvimento Sócio-Ambiental) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2010.

SILVA, S. K. A. **Potencialidade dos quintais agroflorestais como estratégia de manutenção da agricultura familiar no meio rural: o caso da Comunidade do Ajudante, Mazagão, Amapá**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, Amapá, 2018.

SILVEIRA, V. C.; OLIVEIRA, E. S.; MARIANI, M. A.; SILVEIRA, N. F. Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na cidade de Nova Andradina – MS. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO (EIGEDIN), 1. 2017. **Anais...** São Paulo, v. 1, n. 1, 2017.

SILVESTRE, L. H.; QUEIROZ NETO, E.; CALIXTO, J. S.; RAMOS, R. V.; ANTONIALLI, L. M. O que se compra na feira? Perfil e fatores de decisão do consumidor em Lavras, MG. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44. **Anais...** Fortaleza: CE, 2006.

SOARES, K. R.; FERREIRA, E. E. S.; SEABRA JUNIOR, S.; NEVES, S. M. A. S. Extrativismo e Produção de Alimentos como Estratégia de Reprodução de Agricultores Familiares do Assentamento Seringal, Amazônia Meridional. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, n. 4, p. 645-662, 2018.

SOUSA, E.; ALVES, R. J. M.; SILVA, J. M.; DIAS, N. M.; SILVA, L. C. Prospecção socioeconômica em feiras livres: o caso do Complexo do Ver-o-Peso, Belém, Pará, Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 36, p. 5-14, 2017.

SOUSA, D. N.; BERALDO, K. Abastecimento alimentar e o contexto da agricultura familiar no Tocantins em tempos de pandemia do novo coronavírus. **Revista GEPAD – Embrapa**, v. 1, n. 8, p. 1-6, 2020.

SOUZA, A. C. F.; SOUZA, J. F.; MENDES, I. G. Avaliação microbiológica de polpas congeladas de frutas comercializadas em feiras públicas da cidade de Macapá, Amapá. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 2, p. 1-10, 2020.

SOUZA, C. G.; SANTOS, B. C.; COSTA, C. A.; RAMOS, J.; SANTOS, V. A. Caracterização da comercialização e da produção de hortaliças não convencionais em feiras na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. **Horticultura Brasileira**, v. 30, n. 2, p. 824-828, 2012.

TELLO, J. P. J.; SOUZA, É. I. A.; FEITOSA, F. R. C.; RABELO, J. S.; GUIMARÃES, M. A. Aspectos socioeconômicos e de comercialização dos vendedores de hortaliças

do lado brasileiro da tríplice fronteira (brasil-peru-colômbia). **Cultura Agrônômica**, v.24, n.3, p. 275-288, 2015.

UENO, V. A.; NEVES, M. C.; QUEIROGA, J. L.; RAMOS FILHO, L. O.; OLIVEIRA, L. P. **Estratégias de comercialização da agricultura familiar: estudos de caso em assentamentos rurais do estado de São Paulo**. Brasília: EMBRAPA, 2016.

WATANABE, M. A.; LUIZ, A. J. B.; ABREU, L. S. Preços de hortifrutis convencionais e orgânicas em feiras livres e supermercado de Barão Geraldo, Campinas, SP, Brasil. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 1, 2018. **Anais...** São Paulo, v. 1, n. 56, p. 1-35, 2018.

ZIGER, V. O Crédito Rural e a Agricultura Familiar: desafios, estratégias e perspectivas. **Revista Cresol**, v. 1, n. 183, p. 1-16, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado **“Perfil socioeconômico da produção agrícola comercializada na Feira Agrícola de Mazagão-Amapá”**.

O objetivo deste trabalho é investigar o perfil socioeconômico dos produtores agrícolas que comercializam na Feira Municipal de Mazagão, Amapá. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar desta entrevista. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar a contribuição dessa atividade no desenvolvimento da região. Não existem riscos quanto à sua participação nesta pesquisa, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

Os benefícios da pesquisa são possíveis ganhos do ponto de vista da construção do conhecimento, que poderá resultar em informações acadêmicas para subsidiar estudos futuros.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estaremos disponíveis através do telefone celular (96) 98407-3809. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu _____ declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada **“Perfil socioeconômico da produção agrícola comercializada na Feira Municipal de Mazagão-Amapá”**.

Mazagão-AP, ____ de _____ de 20__.

Geiseane da Silva Lima Lidielma Florindo de Sousa UNIFAP
– Campus Mazagão UNIFAP – Campus Mazagão
(96) 99137-1512 (96) 98407-3809
geiseane.s.lima@gmail.com lidielmaflorindo@gmail.com

Luane Moraes de Souza Assinatura do informante
UNIFAP – Campus Mazagão
(96) 99133-4501
souzamoraesluane@gmail.com

Caso o informante esteja impossibilitado de assinar:

Eu _____, abaixo assinado, confirmo a leitura do presente termo na íntegra para o(a) informante _____, o (a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa, o qual utilizou a sua impressão digital (abaixo) para confirmar a participação.

Polegar direito (caso não assine):



APÊNDICE B – Questionário para entrevista dos feirantes

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

Data ___/___/___

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ Idade: _____ Sexo: _____

1. ESCOLARIADADE Não

escolarizado ()	Fundamental incompleto ()
Fundamental completo ()	Médio incompleto ()
Médio completo ()	Superior completo ()
Superior completo ()	

2. COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS
 - a) Principais produtos comercializados.
 - b) Produtos de produção própria ou obtidos de terceiros.
 - c) No caso de produtos obtidos de terceiros, quais as formas de obtenção? (compra, troca, recebimento por algu pagamento, etc.)
 - d) A produção comercializada é própria ou obtida de terceiros (atravessador)?
 - e) A comercialização ocorre no espaço interno ou externo à feira? Independente do local, é pago alguma taxa para comercializar no espaço?
 - f) Se sim. Qual o valor da taxa e pra quem é paga?

3. TRANSPORTE
 - a) Qual meio de transporte utilizado para transportar os produtos? Veiculo ou barco próprio (); Transporte publico (); Transporte de terceiros – especificar (); Outros (). Especificar: _____

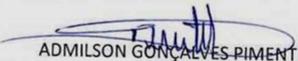
4. CRÉDITOS – INCENTIVOS FINANCEIROS
 - a) Você desenvolve outra atividade além da comercialização dos produtos?
 - b) Você recebeu algum incentivo por meio de crédito, financiamento?
 - c) Você é associado em alguma organização / entidade de agricultores?
 - d) Quais as maiores dificuldades no processo de comercialização dos produtos?

ANEXOS**ANEXO A – Termo de Anuência da SEMAGRI**

ESTADO DO AMAPÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE MAZAGÃO
SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Perfil socioeconômico da produção agrícola comercializada na Feira Municipal de Mazagão – Amapá", sob a coordenação e orientação do Professor Galdino Xavier de Paula Filho (SIAPE: 2281459), do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Amapá – Campus Mazagão, o qual terá o apoio desta Secretaria.


ADMILSON GONÇALVES PIMENTEL
Secretário Municipal de Agricultura

Rua Presidente Vargas, S/N – Centro – Cep: 68.940-000
Mazagão Novo – Amapá/Brasil

ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP/SH/UNIFAP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Perfil socioeconômico da produção agrícola comercializada na Feira Municipal de Mazagão-Amapá

Pesquisador: Galdino Xavier de Paula Filho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 27856719.3.0000.0003

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.893.105

Apresentação do Projeto:

As feiras livres são uma tradicional modalidade periódica de comércio varejista, dispersas no espaço e no tempo, cada qual com sua relevância e magnitude peculiar. Este trabalho tem como objetivo Investigar o perfil socioeconômico da produção agrícola comercializada no espaço físico e entorno da Feira Municipal de Mazagão, no estado do Amapá. A opção em estudar este tema, partiu da ausência de estudos relacionados com essa temática e grupo de atores. Além disso a necessidade de saber a importância da feira, mesmo com o aparente e crescente do comércio formal no município de Mazagão. O estudo será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), após a obtenção da autorização será realizada pesquisa in loco junto aos feirantes. Para a obtenção de informações serão utilizados questionários semi estruturados a fim de verificar, a idade, gênero, escolaridade, procedência, renda, características da produção (se agricultores, ou extrativistas) e comercialização (se são produtores ou atravessadores), principais produtos comercializados, meio de transporte, possíveis subsídios e benefícios estatais, dentre outros. Pretende-se ir a campo para a realização da pesquisa no período de setembro a outubro de 2019, após a autorização do CEPSH, espera-se com o presente estudo mostrar resultados significativos que estão relacionados diretamente com os aspectos culturais, sociais e econômicos. A pesquisa consistirá em análise, investigação, observação e tabulação de dados. Os sujeitos que irão compor a pesquisa são os feirantes que comercializam na Feira Municipal de Mazagão-AP. Pretende-se entrevistar entre 20 e 40 pessoas, entre homens e mulheres aleatoriamente

Endereço: Rodovia Juscelino Kubistcheck de Oliveira - Km.02
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 3.893.105

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1464954.pdf	13/11/2019 13:42:11		Aceito
Outros	termo_de_anuencia.pdf	13/11/2019 13:41:48	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
Outros	Selecao_dos_informantes_da_pesquisa.docx	13/11/2019 13:40:30	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
Outros	riscos_detalhados.docx	13/11/2019 13:39:34	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
Outros	questionario.docx	13/11/2019 13:09:37	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	13/11/2019 13:06:30	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	13/11/2019 13:05:04	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	13/11/2019 12:48:17	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.docx	13/11/2019 12:47:26	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoAssinada.pdf	13/11/2019 12:46:50	Galdino Xavier de Paula Filho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACAPA, 02 de Março de 2020

Assinado por:
RAPHAELLE SOUSA BORGES
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia Juscelino Kubistcheck de Oliveira - Km.02
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

Página 04 de 04